

# México, o laboratório

Domingo, 16/4/89

## do Plano Brady

Paris — Apoiado pelo Fundo Monetário Internacional, FMI, o México se colocou esta semana na vanguarda do pelotão de países endividados ao anunciar que renegociará sua dívida externa, transformando-se no primeiro país a acolher o Plano Brady.

Mas, as anunciadas negociações do México com seus credores, que deverão começar em Nova Iorque na próxima quarta-feira, e pouco depois no Clube de Paris, podem enfrentar sérios obstáculos, principalmente no que se refere às garantias que os bancos podem exigir, na opinião de observadores em várias capitais.

Essas negociações, realmente, serão as primeiras entabuladas depois que as sete principais potências industrializadas deram um sinal verde limitado ao Plano Brady, assim chamado por ser a proposta de alívio ao endividamento do Terceiro Mundo feita pelo Secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady.

O México entrará nas negociações com o aval que supõe o empréstimo do FMI de 3,635 bilhões de dólares em três anos, além de um empréstimo de 1,5 bilhão do Banco Mundial.

Tudo isso aumenta sua credibilidade e solvência diante dos credores.

Também o FMI reconheceu a necessidade de que o México reduza seus pagamentos líquidos ao exterior por serviço da dívida, a menos de 20 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) no lugar dos 60% atuais.

Os círculos financeiros acolheram com interesse o anúncio do acordo e as negociações feitas pelo Ministro mexicano da Fazenda, Pedro Aspe, na terça-feira passada, classificado pelo presidente Carlos

Salinas de Gortari de “começo da solução de profundidade de um problema crucial”.

O Wall Street Journal, por exemplo, apoiou tanto a atitude do México como a gestão de sua economia nos últimos tempos.

Na imprensa europeia ao contrário, a reação foi moderada, talvez por que, como destacou o Tribune de L'Economie, em Paris, os banqueiros do Velho Continente, assim como os do Japão e Canadá foram deixados à margem das negociações prévias ao acordo com o FMI.

O Tribune ressaltou que, apesar de os bancos norte-americanos serem credores de 30% da dívida bancária mexicana de 72 bilhões de dólares, o México certamente não queria iniciar conversações com instituições financeiras de outros países antes de acertar assuntos que somente dizem respeito a seus credores dos Estados Unidos. Principalmente questões contábeis e balanços cuja flexibilização precisa de um aval governamental dos Estados Unidos.

O jornal francês destacou que uma cláusula do Plano Brady pode criar um obstáculo ao México para negociar voluntariamente com uma parte do conjunto de seus credores.

Para poder fazer isso, o plano exige que o restante dos credores devem conceder um “waiver” (dispensa) que levante a obrigação de dar o mesmo tratamento à totalidade dos bancos.

Para resolver essa questão, o México e os advogados norte-americanos “atualmente estudam o problema”, assegurou o Tribune.

Concretamente, o México anunciou que proporia quatro opções.

1 — Conversão da dívida em

obrigações pelo mesmo valor nominal que o capital dela, mas com juros reduzidos.

2 — Conversão sem mudar os juros, mas reduzindo o capital.

3 — Aporte de dinheiro fresco para pagar os juros devidos.

4 — “Capitalização” dos juros e adiamento de seu pagamento.

De acordo com o Tribune, e apesar da boa acolhida do presidente da Associação de 500 bancos credores do México William Rhodes — do Citicorp —, as instituições bancárias pedirão uma série de garantias multilaterais sobre os juros que o governo mexicano se comprometa a pagar.

O Financial Times, de Londres, por sua vez, chamou de “incomum” a publicação da carta de intenções entre o México e o FMI e planteou a possibilidade de que o documento fosse divulgado para “convencer a opinião pública” de que o governo não havia mudado seu programa econômico para satisfazer o Fundo.

O acordo foi recebido como beneplácito pelos círculos especializados mexicanos que, entretanto, prognosticaram o início do que um jornal chamou de “uma fase de severas complicações” para sua realização.

O mundo financeiro e os demais países devedores acompanharão as negociações que o México iniciará na próxima semana porque o problema da dívida do Terceiro Mundo é considerado como um dos mais graves no panorama econômico internacional.

Para o Wall Street Journal, por exemplo, se o México e os bancos tiverem sucesso nas negociações, os outros países devedores deverão demonstrar que podem colocar suas economias em bases sólidas nos mercados financeiros.